

CAPÍTULO 31

DOI: <https://doi.org/10.58871/conimaps24.c31>

PARA ALÉM DO RITMO: A MÚSICA COMO ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA AOS USUÁRIOS DO CAPS AD

BEYOND THE RHYTHM: MUSIC AS A THERAPEUTIC STRATEGY FOR USERS OF THE PSYCHOSOCIAL CARE CENTER FOR ALCOHOL AND DRUGS CAPS AD

ELIS PONTE COSTA

Graduada em Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão - FLF

ANA CLEIDE DA SILVA RODRIGUES

Graduada em Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão - FLF

LEILA PONTE VASCONCELOS

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC

GABRIELE SOUSA COSTA

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC

SAMARA VASCONCELOS ALVES

Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará - UFC

RESUMO

Objetivo: O presente trabalho buscou relatar a importância da música enquanto recurso terapêutico para integração, acolhimento e cuidado das pessoas que são assistidas pelo CAPS-AD. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência em um equipamento de saúde na rede de atenção secundária, em um CAPS AD do interior do Ceará, através do estágio Supervisionado em Psicologia, no período de agosto à novembro de 2023. **Resultados e Discussão:** A partir dos resultados percebeu-se que a utilização da música como estratégia terapêutica possibilita a ampliação do cuidado, ajudando na regulação emocional e na expressão de sentimentos intensos. Nessa perspectiva, notou-se que o espaço de interação entre os usuários do serviço e os profissionais contribuiu na inserção do paciente dentro do território, gerando mudança na história de pessoas que foram segregadas pela sociedade, colaborando no plano de cuidado de forma positiva e efetiva, como também reduzindo os danos causados pelo uso de substâncias psicoativas. Constataram-se também dificuldades, pois se tornou visível à rigidez de acessar alguns sentimentos dos pacientes, o que se fez importante à validação e compreensão das emoções que não estavam prontas para serem expressas. **Considerações Finais:** Diante desse cenário, é possível afirmar que as expressões artísticas permitem o surgimento de novos sentidos e descobertas na vida do sujeito, além de impulsioná-lo a desenvolver a habilidade de criação, que são expressas por meio dos instrumentos musicais, da voz, do corpo, do olhar, dos sons, possibilitando interação e comunicação. Assim, a experiência vivenciada evidenciou o fortalecimento de vínculos e a

abertura ao diálogo entre os usuários e a equipe multiprofissional, promovendo uma melhor condução nos atendimentos realizados.

Palavras-chave: musicoterapia; saúde mental; promoção de saúde.

ABSTRACT

Objective: This paper aimed to highlight the importance of music as a therapeutic resource for the integration, support, and care of individuals assisted by CAPS-AD. **Methodology:** This is an experience report in a health facility in the secondary care network, in a CAPS AD in the interior of Ceará, through the Supervised internship in Psychology, from August to November 2023. **Results and Discussion:** From the results, it was clear that the use of music as a therapeutic strategy allows for the expansion of care, helping with emotional regulation and the expression of intense feelings. From this perspective, it was noted that the space for interaction between service users and professionals contributed to the insertion of the patient within the territory, generating change in the history of people who were segregated by society, collaborating in the care plan in a positive and effective way. , as well as reducing the damage caused by the use of psychoactive substances. Difficulties were also noted, as the rigidity of accessing some of the patients' feelings became visible, which was important for validating and understanding emotions that were not ready to be expressed. **Final Considerations:** Given this scenario, it is possible to affirm that artistic expressions allow the emergence of new meanings and discoveries in the subject's life, in addition to encouraging him to develop the ability to create, which are expressed through musical instruments, voice , the body, the look, the sounds, enabling interaction and communication. Thus, the experience demonstrated the strengthening of bonds and openness to dialogue between users and the multidisciplinary team, promoting better management of the care provided.

Keywords: music therapy; mental health; health promotion.

1 INTRODUÇÃO

A reforma psiquiátrica (RPB) possibilitou um conjunto de transformações abrangendo aspectos políticos, teóricos, éticos e práticas. Diante da resistência contra o sistema ditatorial vigente, a luta por direitos humanos das vítimas da violência manicomial potencializou o processo de redemocratização e redirecionou a assistência à saúde mental, possibilitando a criação de formas de cuidado que tenham como direcionamento o exercício da cidadania e liberdade. Esse cuidado em saúde mental se concentrou em focar em novas possibilidades para transformar e ressignificar a vida dos pacientes, respeitando seus desejos, vivências, valores e escolhas, permitindo a promoção de oficinas terapêuticas capazes de incluir e atender o público da saúde mental (Aires; Vianna; Tsallis, 2021).

Nesse contexto é importante ressaltar a criação dos serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos, tais como: redes de atenção à saúde mental, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), leitos psiquiátricos em hospitais gerais, oficinas terapêuticas e residências

terapêuticas, respeitando-se as particularidades e necessidades de cada local. O intuito era redirecionar o lugar do sofrimento psíquico para um espaço que além de terapêutico, fosse também social, político e cultural. Desse modo serviços substitutivos de tratamento não-hospitalar foram criados, a saber, os CAPS (Amarante; Nunes, 2018).

As iniciativas dos municípios, em que pese a vontade política dos gestores municipais, passaram a ser ressarcidas através das portarias ministeriais, objetivando o deslocamento dos recursos para modalidades alternativas à internação psiquiátrica e compatibilizando os procedimentos das ações de saúde mental com o modelo assistencial (Hirdes, 2009). Vale ressaltar que os CAPS são pontos de atenção estratégica da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que se articulam para prestar atendimentos às pessoas com sofrimento psíquico moderado, grave ou persistente (Brasil, 2015).

Nesse contexto, os CAPS são considerados uma estratégia de redirecionamento e assistência à pessoa com transtorno mental. Havia a necessidade de substituir o modelo manicomial e hospitalar vigente na época, que apenas intensificava o sofrimento e, muitas vezes, descuidava do paciente (SÁ et al., 2007). Com isso, o poder municipal, com base na deliberação do Conselho Municipal de Saúde, decretou a interdição no manicômio no ano de 2000. Posteriormente, através da portaria n.º 113/00, foi instituído oficialmente a Rede de Atenção à Saúde Mental do município (RAISM), sugerindo a criação do Centro de Atenção Psicossocial, tipo II (Rossas et al., 2007).

Os CAPS se diferenciam por complexidade e se organizam a partir do número populacional. No caso do município em questão, há o CAPS II e o Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas (CAPS-AD), que, de acordo com a portaria n.º 336, de 19 de fevereiro de 2002, do Ministério da Saúde, são dispositivos da atenção psicossocial destinados ao atendimento de pacientes com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas (Brasil, 2002; Amarante; Nunes, 2018).

Nesse meio, a arte ganha espaço como recurso para fortalecimento e valorização da personalidade e das diferenças, propondo a inclusão, a quebra de paradigmas preconceituosos, a livre circulação nos territórios, e a construção de sentidos através de diversas mensagens e mecanismos. A utilização da música dentro de uma proposta de oficina pode ser vista como instrumento terapêutico, pois proporciona comprometimento dos usuários com a oficina, com a equipe e até mesmo com a família. Tem o propósito de incentivar o gosto pela música, viabilizando espaços de aproximação com o grupo (Batista; Ribeiro, 2016).

No que se refere às oficinas de música, Filho, Coelho e Ávila (2007) destacam que a música pode ser uma forma universal de comunicação, e sua utilização pode conduzir os

sujeitos há instantes recreativos e, ao mesmo tempo, a instantes de reflexão acerca do seu uso/abuso de drogas. Como recurso para a reabilitação no cotidiano dos sujeitos, de forma singela, a música proporciona alegria, satisfação, emersão de sentimentos e harmonia na convivência com os outros, contribuindo com pequenas alterações que podem fazer a diferença na vida de cada um (Batista; Ribeiro, 2016).

Este estudo pretende relatar a importância da música enquanto recurso terapêutico para integração, acolhimento e cuidado das pessoas que são assistidas pelo CAPS-AD. A relevância dessa experiência pode ser verificada por ser um espaço que promove o compartilhamento de diferentes estilos, proporcionando alegria, resgate da autoestima e troca de saberes, além de ser um espaço de criatividade e expressão de sentimentos dos participantes, indo além da simples prática musical.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência qualitativo e descritivo, oriundo do Estágio Supervisionado em Psicologia da Saúde da Faculdade Luciano Feijão. O estágio sugere a elaboração de ações com o acompanhamento da psicóloga preceptora na condução do grupo de música em um CAPS-AD do interior do Ceará, no período de agosto a novembro de 2023.

O CAPS-AD em questão, localizado em um município do interior do Ceará, foi criado em março de 2002. Este dispositivo é considerado um serviço de atenção secundária para pacientes que sofrem devido ao uso e abuso de álcool e outras drogas, tendo como objetivo fornecer estratégias de redução de danos e promover a reinserção social dos usuários, a fim de proporcionar qualidade de vida sem a abstinência compulsória da substância (Sá *et al.*, 2007).

A equipe multiprofissional é composta por duas psicólogas, uma assistente social, um educador físico, duas enfermeiras, uma médica clínica, uma médica psiquiatra, uma farmacêutica e um técnico de enfermagem. O dispositivo é constituído por grupos terapêuticos de convivência, música, família, práticas corporais, redução de danos, esporte, prevenção à recaída e tabagismo, todos essenciais na atenção à saúde mental das pessoas. Para isso, realizamos estudos teóricos baseados em bibliografia de referência na área da saúde mental e processos grupais, além de participarmos de supervisões semanais com um docente da instituição de ensino.

Os dados que fundamentam a elaboração deste relato foram obtidos a partir de registros no diário de campo, onde anotamos nossas observações, inquietações, planejamentos e intervenções, discutidos posteriormente com a preceptora e supervisora. É relevante destacar

que, mesmo tratando-se de um relato de experiência, mantivemos nosso compromisso ético com as participantes do grupo, preservando a confidencialidade e evitando a exposição das histórias dessas mulheres.

O grupo de música foi idealizado em 2018 no Caps AD, após o manejo de uma crise com o uso de um instrumento musical. Com o êxito da intervenção, o grupo foi criado para contribuir no tratamento, proporcionando um cuidado integral com o apoio de facilitadores profissionais da enfermagem. O objetivo primário do grupo de música é utilizar-se a música como metodologia terapêutica para os usuários, além de desenvolver as capacidades dos sujeitos em sofrimento mental no âmbito familiar, social e individual.

Diante desse contexto, surgiu uma banda, cujo ensaios acontecem semanalmente às segundas-feiras, e os encontros terapêuticos do grupo ocorrem às sextas-feiras, reunindo em média 10 participantes de diversas faixas etárias. O perfil dos integrantes é composto por pacientes que estão em sofrimento devido ao uso e abuso de álcool e outras drogas, e que em sua maioria, também apresentam transtornos de personalidade. Dessa forma, o dispositivo visa fornecer estratégias de redução de danos e promover a reinserção social dos usuários, afim de proporcionar qualidade de vida sem a abstinência compulsória da substância. Dentre as atividades desenvolvidas, destaca-se o compartilhamento de gostos musicais, através da interação com os demais integrantes, possibilitando o autoconhecimento e fortalecimento do vínculo entre eles, além de abordar questões pessoais e sua relação com as substâncias.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da experiência vivenciada na prática do estágio, foi possível adquirir compreensões e percepções acerca dos benefícios que a arte promove, tornando-se um auxílio e uma alternativa à terapêutica medicamentosa. De acordo com Belmino (2015), demandas coletivas que atravessam questões culturais, políticas, sociais e afetivas são frequentemente compreendidas como individuais e biológicas, sendo assim apresentadas como transtornos, doenças e distúrbios. No entanto, entende-se que o sujeito é composto em sua totalidade, e, dessa forma, existem variadas possibilidades de tratamento. Aliado aos medicamentos, é possível a construção de novas formas de subjetividade e o reestabelecimento dos laços sociais.

Segundo Wanderley (2002), a arte é uma vereda que afunila a relação entre a loucura e a saúde através da criatividade. Assim, diante do processo grupal realizado com um público que faz uso abusivo de substâncias e apresenta sintomatologia de graves transtornos mentais,

em particular transtornos de personalidade, foi possível utilizar ferramentas como a música e a arte, que se tornaram estratégias eficazes no tratamento, auxiliando na regulação emocional e na expressão de sentimentos intensos. Além disso, essas ferramentas favoreceram um contato genuíno entre os usuários do serviço e os profissionais presentes, permitindo a percepção das dificuldades e dos atravessamentos vivenciados por cada participante do grupo.

A convivência também possui grande importância, pois abre portas para a inserção do paciente no território, que pode fornecer oportunidades de trabalho, além de possibilitar a reintegração do sujeito na família, na igreja, no centro comunitário, entre outros espaços. Isso facilita a inserção nas relações de vida diária no território. Resende Tim (2019) aborda a convivência como um dispositivo de cuidado, uma vez que a proximidade com as pessoas pode abrir espaço para a compreensão do sofrimento e para o desenvolvimento de novas formas de lidar com questões emergentes.

Conforme Amarante e Torre (2018), a reinserção social significa a mudança na história de pessoas que foram segregadas e desvalidadas pela forma como foram percebidas e rotuladas pela sociedade através da própria “doença”. Sendo assim, os autores enfatizam que a convivência se torna uma estratégia que desenvolve a autonomia e a cidadania ativa nos espaços de participação social. A partir da experiência vivenciada no estágio, tornou-se possível identificar os laços de amizade construídos entre os participantes. Assim, os vínculos formados têm um papel motivador e reforçador para a continuidade do processo de tratamento, fortalecendo a inclusão e o sentimento de pertencimento.

Diante disso, a importância do protagonismo dos usuários do serviço, ao serem tratados através da terapêutica por meio da música, da arte e da cultura, reverbera nas relações pessoais do cotidiano, a partir dos vínculos estabelecidos dentro da experiência do grupo (Magalhães; Braga, 2023). Além disso, a música contribui para a construção de vínculos, pois as canções ganham novos significados quando compartilhados com pessoas queridas. A música tem o poder de formar uma alma coletiva através das reações provocadas nos ouvintes, encorajando a expressão grupal, a comunicação e fornecendo satisfação à experiência compartilhada pelo grupo (Katsh; Merle-Fishman, 1985; Gerboth *et al.*, 1969).

De acordo com Beghetto e Kaufman (2007), a criatividade é uma característica presente em todos os indivíduos, diferenciando-se apenas na forma como cada um se expressa, o que possibilita o reconhecimento e análise das diversas formas de expressão criativa. Além disso, Acar & Runco (2012) relatam que a utilização de recursos possibilita condutas criativas para o tratamento de sintomas psicopatológicos, evidenciando a importância da relação entre a criatividade e saúde mental. Sendo assim, a criatividade ganha

espaço no grupo, permitindo que os integrantes a utilizem para se expressar através das letras das músicas.

As temáticas que surgem nos encontros estão relacionadas à família, amor, poder e liberdade, desse modo. Katsh e Merle-Fishman (1985) abordam que, quando fazemos ou ouvimos canções, pensamentos e emoções são tocadas, lembrando memórias. Logo, a música pode servir como um elo das experiências simbólicas do passado sendo evocadas a partir de melodias específicas, ajudando assim a experienciar essas memórias e proporcionando uma nova percepção e profundidade em relação às vivências.

Segundo Hills e Argyle (1998), a música pode produzir diversas sensações e emoções, especialmente a música clássica, que foi um dos estilos musicais utilizados no grupo. Esse estilo musical desencadeou uma gama maior de sentimentos, tornando-se um símbolo de emoções e recriação de memórias, pois as emoções precisam ser expressas para que os conflitos possam ser assimilados a partir de novas formas de ser (Souza, 2016).

Conforme Katsh e Merle-Fishman (1985), a garganta é uma ponte física e simbólica entre a cabeça e o coração. Sendo assim, o ato de cantar dentro do grupo de música nos encontros oportunizou um caminho entre a mente e as emoções, permitindo o movimento de falar sobre a sua história de vida através da música. Segundo Sloan (1999), o ato de cantar permite que o sujeito se torne consciente de sentimentos e experiências que estavam ocultos. No entanto, tornou-se evidente que nem todos os participantes do grupo estavam preparados para entrar em contato com seus sentimentos.

A validação da experiência do outro, através da compreensão do que é expresso e do que não é expresso também pelo sujeito, torna-se essencial para o estabelecimento de vínculos e para alcançar bons resultados no processo de tratamento. Assim, os momentos de fala e acolhimento dos sentimentos que emergiram nesse espaço foram imprescindíveis, permitindo a construção de momentos criativos, seguros e acolhedores (Santos, 2005).

Dessa forma, as músicas escolhidas abordavam relatos de experiências sobre a infância dos membros do grupo. Cantar despertou aquilo que estava guardado, trazendo à tona inseguranças, alegrias, sonhos e medos. O canto em grupo, segundo Richman (1993), proporciona uma sensação de reconforto, pois a música se expressa através da voz, tornando-se algo significativo para compartilhar. É válido ressaltar que a prática do psicólogo nesse processo grupal pode provocar reflexões e conscientização sobre tais inquietações, facilitando a abertura para novas formas de afetação, modos de agir e pensar sobre a realidade de cada sujeito presente (Pereira; Sawaia, 2020).

Por fim, é importante salientar que a estratégia do grupo terapêutico de música não se

limita apenas ao desenvolvimento de habilidades e aptidões dos usuários do serviço, mas também se refere à quebra de estigmas diante da percepção social do “louco”, desconstruindo a ideia de que o sujeito acometido por transtornos mentais não seja apto a desempenhar certas habilidades. Portanto, a prática grupal utilizando a música é um fio condutor que mobiliza a expressão de sentimentos e a ruptura de preconceitos em relação à percepção estigmatizada da sociedade, contribuindo para o bem-estar dos integrantes do grupo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se, por meio dessa experiência, que a música se apresenta a cada usuário do serviço como um recurso para invenções possíveis na vida, cada um no seu próprio ritmo, permitindo não apenas dar uma forma ao seu tumulto emocional, mas também transformá-lo por meio de uma voz que mobiliza um corpo ao cantar. Dessa maneira, entende-se que a música é um instrumento que estimula a elaboração de novos sentidos, promovendo a descoberta de sentimentos e qualidades pessoais até então não percebidas pelo sujeito.

Essa experiência nos permitiu inferir que o grupo de música oportuniza o fortalecimento dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), visando à abertura ao diálogo e apoio multiprofissional aos usuários que experienciam intenso sofrimento psíquico, promovendo melhoria nos atendimentos realizados. Além disso, contribuiu para favorecer uma aprendizagem contextualizada e significativa, coerente com as necessidades de saúde da população por meio da integração ensino-serviço-comunidade. Assim, torna-se possível oferecer um espaço apropriado às necessidades daqueles que portam algum tipo de transtorno mental.

Diante disso, a música não se torna apenas um instrumento de transformação da realidade interna, mas também da realidade externa. A partir de uma condução dinâmica e espontânea, com o objetivo de acolher o “sem sentido”, sem a intenção de transformar a música em uma pedagogia, essa espécie de “deixar cantar” possibilita autonomia, reabilitação psicossocial, convivência e bem-estar. Além disso, desempenha um papel fundamental em diversas áreas do desenvolvimento pessoal e social dos participantes.

REFERÊNCIAS

ACAR, Selcuk; RUNCO, Mark A. Psicoticismo e criatividade: Uma revisão meta analítica. **Psicologia da Estética, Criatividade e Artes**, v. 6, n. 4, p. 341-350, 2012. Disponível em: < <https://psycnet.apa.org/record/2012-05212-001> > Acesso em: 28 de jul.

2024.

AIRES, Jackeline Sibelle Freires; VIANNA, Keyth; TSALLIS, Alexandra. Oficinas terapêuticas em saúde mental: pesquisando COM a Teoria Ator-Rede. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 33, n. 3, p. 212–217, set. 2021.

AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica de Oliveira. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 2067-2074, 2018. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/csc/a/tDnNtj6kYPQyvtXt4JfLvDF/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 19 jun. 2024

AMARANTE, P.; TORRE, Ehg. “De volta à cidade, sr. cidadão!” - reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. **Revista de Administração Pública**, v. 52, n. 6, 2018. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rap/a/VxnVVXZN4bD3bqCTVJwzxBQ/?lang=pt>> Acesso em: 20 de jul. 2024.

BATISTA, Nayara da Silva; RIBEIRO, Mara Cristina. O uso da música como recurso terapêutico em saúde mental. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 27, n. 3, p. 336-341, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Centros de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento como lugares da atenção psicossocial nos territórios: orientações para elaboração de projetos de construção, reforma e ampliação de CAPS e de UA / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática.** – Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002.** Diário Oficial da União, 2002.

BEGHETTO, Ronald A.; KAUFMAN, James C. Rumo a uma concepção mais ampla de criatividade: Um caso para a criatividade "mini-c". **Psicologia da Estética, Criatividade e Artes**, v. 1, n. 2, p. 73–79, 2007. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/2007-07241-003>> Acesso em: 28 de jul. 2024.

BELMINO, M.C., Gestalt-Terapia e atenção psicossocial. Fortaleza: **Premius**, 2015.

FILHO, Altino Bessa Marques; COELHO, Cassiano Lara de Souza; ÁVILA, Lazslo Antonio. Música removendo barreiras e minimizando resistências de usuários de substâncias. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, vol. 8, n. 1, p. 14-24, 2007. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-29702007000100003> Acesso em: 12 de jun. 2024.

GERBOTH, W., LINCOLN, S., SANDERS, R., STARER, R. An introduction to music - selected readings. New York: **WW Norton & Company**, 1969.

HILLS, P. & ARGYLE, M.; Musical and religious experiences and their relationship to Happiness. **Personality and Individual Differences**, v. 25, p. 91-102, 1998. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/248941946_Religious_Experiences_and_Their_Relations_With_Happiness_and_Personality> Acesso em: 16 de jun. 2024.

HIRDES, Alice. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, n. 1, p. 297-305, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/GMXKF9mkPwxfk9HXvfl39Nf/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 16 de jun. 2024.

KATSH, S.; MERLE-FISHMAN, C.M., The music within you, New York: **Simon & Schuster**, 1985.

MAGALHÃES, João Lucas Barbosa; BRAGA, Filipe Willadino. Música, cultura e arte: percepção dos usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) sobre uma oficina terapêutica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 4, 2023. Disponível em: <[file:///C:/Users/eliss/Downloads/11974-Artigo-148129-1-10-20230419%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/eliss/Downloads/11974-Artigo-148129-1-10-20230419%20(1).pdf)> Acesso em: 10 de jul. 2024.

PEREIRA, Eliane Regina; SAWAIA, Bader Burihan. Práticas grupais: espaço de diálogo e potência. **Pedro e João Editores**, 2020.

RICHMAN, B. On the evolution of speech: singing as the middle term. **Current Anthropology**, v. 34, n. 5, p. 721-722, dez., 1993.

RESENDE TIM. Sofrimento psíquico e convivência. **Revista Ecos**, v. 9, n. 2, 2019.

ROSSAS et al. Caracterização Das Famílias De Pacientes Intensivos Atendidos No Centro De Atenção Psicossocial Para Álcool E Outras Drogas (Caps – Ad) De Sobral – Ce. **Sanare**, v.6, n.2, p.77-85, jul./dez., 2005/2007. Disponível em: <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/157/149>> Acesso em: 15 de abr. 2024.

SÁ, Roberta Araújo Rocha et al. Saúde mental em Sobral-CE: atenção com humanização e inclusão social. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 6, n. 2, 2007. Acesso em: 15 de abr. 2023.

SANTOS, E. A esquizofrenia sob o olhar da Gestalt-terapia. In: XI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica. Goiânia: **ITGT – Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia**, p.179-185, 2005. Disponível em: <<https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/download/241/319?inline=1>> Acesso em: 20 de jul. 2024.

SOUZA, L.E.E.M. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **Revista IGT na Rede**, v.13, n.25, p. 253-272, 2016. Disponível em: <<https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/501>> Acesso em: 18 de jul. 2014.

SLOAN, C. Finding your Voice: a practical and spiritual approach to singing and living, New York: **Hyperion**, 1999.



III EDIÇÃO

CONIMAPS

WANDERLEY, L. O dragão pousou no espaço: arte contemporânea, sofrimento psíquico e o Objeto Relacional de Lygia Clark. Rio de Janeiro: **Rocco**, 2002.



REALIZAÇÃO:



APOIO:

